



A NATUREZA DOS AMERÍNDIOS¹

Ronald Raminelli
Departamento de História - UFPR

Introdução

A origem do homem americano sempre foi uma incógnita para os europeus. Na tradição aristotélica e bíblica, não havia informações seguras sobre a existência dessas comunidades descobertas a partir de 1492. Por diversas vezes, missionários e viajantes debruçaram-se sobre o problema e procuraram na tradição ocidental elementos capazes de explicar a sua origem. Seguindo um pressuposto bíblico, os religiosos procuraram comprovar que a humanidade era proveniente de Adão e Eva. Neste sentido, não descartaram a idéia de monogenismo, apesar das diferenças culturais que separavam os cristãos e os povos do Novo Mundo. Os ameríndios possuíam a mesma origem dos europeus e, portanto, carregavam consigo as sementes do cristianismo plantadas pelo Criador. Tal princípio permitia aos missionários levar adiante os trabalhos de catequese e combater os escravistas, defensores da incapacidade dos nativos em entender a palavra revelada e receber a conversão. O conceito aristotélico de escravidão natural tornou-se, portanto, um importante aliado dos colonizadores que concebiam o índio como homens forjados para a faina colonial.

1. Este artigo é uma versão modificada de uma parte de minha tese de doutorado, orientada pela prof.^a Dr.^a Laura de Mello e Souza: *Imagens da colonização; a representação do índio de Caminha e Vieira*. São Paulo, 1994. Ao longo deste artigo emprego a palavra *natureza* com duas acepções: natureza humana e natureza enquanto meio ambiente.

Para os escravistas, a natureza destinou a esses indivíduos a função de obedecer, sendo portanto escravos naturais. Os bárbaros devem pertencer e sujeitar-se a um senhor, capaz de guiá-los e encaminhá-los segundo os princípios da razão. As atividades desempenhadas por eles não diferem daquelas executadas pelos animais domésticos, ajudando a seu amo com a força física e empregando os atributos naturais para o bem da vida civil. A natureza dotou os escravos de um corpo robusto e perfeito para as atividades manuais; o mesmo não ocorreu com a constituição corporal dos homens livres.²

O conceito de bárbaro atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil nas narrativas de viagens. Bárbaros eram os índios de corpos nus, bárbaros eram os canibais na faina de esquartejar corpos e devorar a carne do inimigo. Bárbaros eram os guerreiros e seus embates eternos, seres sem lei, sem rei, sem fé. A vingança tupinambá marcou a fronteira entre o cristão e o selvagem, demonstrando o limite ou a inviabilidade da catequese. O bárbaro saltou dos escritos de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino e mergulhou nos relatos sobre o cotidiano ameríndio. O aristotelismo pouco se alterou durante o longo percurso, recebendo apenas algumas adaptações. As guerras, a nudez, o canibalismo e a falta de centralização política sempre foram costumes próprios dos bárbaros. No entanto, as teses aristotélicas de escravidão natural foram duramente combatidas pelos Estados ibéricos que promulgaram

2. Sobre a escravidão natural ver Aristóteles. *The works of Aristotle*. Chicago: Enc. Britânica, v. 8 *Politics*. Tradução de Benjamim Jowett (Great Books of Western World), 1952, pp. 445-487. Sobre Aristóteles consultei Sir David Ross. *Aristóteles* (trad.). Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1987. Anthony Padgen. *The fall of natural man*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982; Antonello Gerbi. *La disputa del Nuevo Mundo* (trad.). México: Fondo de Cultura Económico, 1960, pp. 20-22, 63-72.

diversas leis destinadas a proteger os ameríndios da ameaça da escravidão.

Os religiosos enfrentaram muitas dificuldades para explicar as diversidades culturais entre os cristãos e os americanos. Se a humanidade descendia de mesmo ancestral, por que as comunidades radicadas no Novo Mundo perpetravam ritos tão bárbaros? Por que o canibalismo, a nudez e a feitiçaria eram recorrentes nessa parte do mundo? Entre os séculos XVI e XVII, os religiosos explicaram degeneração dos costumes por intermédio da teologia e da demonologia.

No entanto, durante o século XVIII, os pressupostos bíblicos e teológicos foram descartados pelos iluministas. O monogenismo ganhou alguns adversários, e os americanos receberam novamente a pecha de seres decaídos. O presente artigo procura explorar os pressupostos teológicos empregados pelos padres para legitimar a catequese. Em seguida, buscou traçar, de modo conciso, como os iluministas romperam com a explicação teológica. Essas percepções diferenciadas permitem-nos traçar uma evolução muito cara ao século XVIII, ou melhor, permitem visualizar como os paradigmas do cientificismo suplantaram a visão religiosa do mundo. O Século das Luzes explicou o primitivismo das comunidades indígenas por intermédio da natureza: o meio americano e o tropical eram impróprios para o desenvolvimento humano. A falta de Estado, de escrita e de religião era explicada pelas dificuldades impostas por uma natureza adversa à humanidade.

Índios, cristãos em potencial

O padre Simão de Vasconcelos concebeu uma epopéia ao escrever a história da Companhia de Jesus no Brasil. Os

jesuítas, assim como Ulisses, lutaram bravamente contra as diversidades do novo território e viabilizaram a missão heróica de converter os índios à causa do cristianismo. Enfrentaram as intempéries de uma viagem marítima cheia de aventuras e aportaram em uma terra desconhecida, inóspita e povoada de canibais. Ainda tiveram de resistir às longas caminhadas pelas florestas tropicais, percurso povoado por onças e cobras que tinham a natureza exótica como aliada. A fome e os martírios da purificação da alma não faltaram aos heróis da cristandade. Os novos Ulisses não temeram os possíveis monstros escondidos na densa mata e, como guerreiros, desafiaram o maior rival do mundo cristão. Em priscas eras, o anticristo havia dominado a América, e os padres receberam a missão de desbancá-lo. As mensagens do Evangelho somente chegariam aos corações dos gentios caso o poder do Mal fosse desacreditado. Deste modo, a catequese provocaria as ruínas do império maligno e pela conversão promoveria a liberdade dos antigos escravos de Satã. A conquista espiritual lutou contra um incrível adversário, soberano por seis mil anos do vasto império da 'Gentilidade Brasília'. Durante séculos, o Criador permitiu o abandono do novo continente, destituindo-o de profetas, de Paraíso terreno e de seres racionais. Deus preteriu-o em favor da Europa, Ásia e África, onde criou o homem, formou o Paraíso e enviou os patriarcas. A América permaneceu até a chegada dos primeiros enviados da Igreja sem a palavra revelada, sem luz, sem fé, sem salvação.

O povoamento do novo território originou-se depois do ano 1656 da criação do mundo. Comparado à Europa, abrigou núcleos populacionais em tempos mais recentes, pois antes do dilúvio não havia homens nessas paragens. "Esta resolução é certíssima: consta da Sagrada Escritura, porque dos homens que viviam no mundo antes do dilúvio nenhum escapou, excetuando oito almas da Arca de Noé". Depois do dilúvio,

os homens da Arca de Noé permaneceram no mundo conhecido, pois as escrituras não mencionam o deslocamento dos sobreviventes em direção ao continente recém-descoberto.

Portanto, declarou o padre Simão de Vasconcelos, os eventos narrados pelos naturais da terra não mereciam crédito. Os relatos indígenas sobre a inundação das águas e o salvamento de heróis míticos não passavam de invenções. A falta de registros escritos permitiu distorções e promoveu o surgimento de histórias adulteradas pela fraqueza da memória e pelos longos séculos.

Para o padre Simão de Vasconcelos, os primeiros povoadores da América poderiam ter sido os construtores da Torre de Babel. A inviabilidade da obra provocou muita frustração e a necessidade de procurar novas terras para se fixar. “E se assim é, são muito antigos estes povoadores; porque a história da torre passou aos 131 anos depois do dilúvio, na era de 1788 da criação do mundo, 2174 antes da vinda de Cristo”. Os hebreus, os troianos e os africanos também poderiam ter aportado nessas paragens e iniciado o estabelecimento de novos núcleos populacionais. No entanto, o jesuíta descartou todas as possibilidades anteriormente mencionadas, em favor de uma hipótese, segundo ele, mais plausível. E assim constatou que os índios não se originaram dos antigos povos do Mediterrâneo. Seus antepassados partiram de um território mais próximo do Novo Mundo. Os ameríndios provinham de uma prodigiosa ilha chamada Atlante.

A ilha localizava-se na boca do mar Mediterrâneo, próxima das Colunas de Hércules, e possuía uma extensão agigantada, maior que a África e a Ásia. Porém, o destino tramou contra a região, sendo completamente inundada pelas águas do oceano. O fenômeno ocorreu por ocasião de um grande terremoto e aluvião de águas de um dia e uma noite.

télicos, que relacionavam o clima frio à cor branca e a negra ao excesso de calor. Aristóteles atribuía a cor branca do cisne à frialdade do ventre da mãe; e a negritude do corvo ao calor do ventre. Entre os dois extremos surgem as outras tonalidades. Por outro lado, a mudança da cor, e logo da natureza, somente ocorreu com a persistência do calor. Um europeu exposto ao sol tropical permaneceria com a sua *cútis* original. Os descendentes dos primeiros habitantes da América teriam mudado de coloração devido aos séculos de exposição ao sol e ao calor, mas não se tornaram pretos como os africanos. Seguindo este raciocínio, o vermelho-tostado, a cor embaçada dos nativos, denunciava a origem européia dos povos do Novo Mundo. Porém, argumenta o jesuíta, a cor da tez dependia igualmente dos pais, porque se ambos têm virtude fria, geram brancos; se ambos cálida, geram preto; e se uma fria, outra cálida, geram de cor entremeia, nem perfeitamente branca, nem preta.⁵

A variedade das línguas também chamou a atenção de Simão de Vasconcelos. Os primeiros povoadores do Brasil falavam apenas um idioma. Depois de longos séculos de isolamento, o vernáculo original adulterou-se e multiplicou-se. Porém, as regras da gramática com nomes, verbos, declinações, conjugações, ativas e passivas permaneceram. O padre José de Anchieta ressaltou a perfeição da fala dos nativos, comparando-a à língua grega. Em que escolas aprenderam, no meio do sertão, tão corretas normas gramaticais? A resposta para o mencionado questionamento segue o mesmo raciocínio das transformações do português desde a sua origem no latim. Assim, as falas dos ameríndios provêm de um único núcleo que sofreu mudanças e corruptelas capazes de promover a diversidade lingüística dos povos americanos.

5. Op. cit., p. 94.

Vasconcelos encontrou caminhos engenhosos para comprovar a origem européia dos índios. No entanto, encontrou muitos obstáculos para entender a corrupção dos costumes, pois os nativos eram feras selvagens e desumanas, vivendo “ao som da natureza, nem seguem fê, nem lei, nem rei”, sendo estes os freios e os parâmetros de todo ser racional. Os índios descritos pelo religioso andavam em manadas pelos campos. A nudez dos homens e mulheres os confundiam com os animais, com as feras e bestas que viviam sem “empacho algum da natureza”. Seus costumes eram isentos de leis, de jurisdição e de república. Era gente paupérrima, cujo ato de comer realizava-se sobre a terra, enquanto os alimentos provinham da ferocidade, da presteza no manejo dos arcos e flechas. Suas orelhas, faces e beijos andavam esburacados, orifícios onde engastavam pedras de várias cores e tamanhos. “Parecem mais brutos em pé, que racionais humanados; uns semicapros, uns faunos, uns sátiros dos antigos poetas”. A humanidade há muito tinha abandonado os filhos da América, pois estes seres comportavam-se como alimárias, sem política, sem prudência e possuíam inúmeras perversões, dados à preguiça, à mentira, à gula e à bebedeira. Neles a luz da razão há muito já havia se extinguido. Caso ainda houvesse algum vestígio desta chama, ela seria quase da mesma intensidade daquela encontrada entre as feras.⁶

Simão de Vasconcelos relatou em minúcias as erronias e lembrou o quanto os nativos encontravam-se afastados da humanidade e das regras mínimas do convívio cristão. Ao longo da narrativa, a heróica missão dos jesuítas tornava-se cada vez mais audaciosa e quase impossível, pois transformar homens-feras em cristãos devotos era uma tarefa árdua. A cada indício de barbarismo, a cada lembrança do poder de

6. Op. cit., pp. 95 e 97 - 98.

Satã sobre o gentio, ficava mais distante a construção de uma civilização cristã no Brasil. Mas os guerreiros da fé não se vergavam ante as intempéries da jornada e continuavam o nobre encargo de salvar as almas da danação. A monstruosidade dos ameríndios valorizava o esforço dos padres e revelava ao mundo o empreendimento colonial dos portugueses.

E é bem que conheçam eles, e o mundo as monstruosidades de sua natureza, para que delas mais admirem a eficácia, com que a lei de Deus de toscas pedras faz filhos de Abraão, e de rudes, e bárbaras, homens racionais: porque é cousa certa, que com a virtude, e boa criação desta santa lei entre os portugueses tem visto no Brasil mudanças mui notáveis nas nações desta gente.⁷

O importante era demonstrar a notável metamorfose produzida pelo cristianismo e ressaltar o longo caminho trilhado pelos colonizadores para restituir a humanidade a seres que, há muito, perderam ou adulteraram as regras mínimas de civilidade. O nascimento de um novo ser, concebido pelos religiosos e por Deus, promovia a morte de bestas-humanas e o surgimento de "cidadãos da cristandade". A origem atlante do gentio, com certeza, somou-se aos esforços dos padres, pois a natureza dos ameríndios em nada diferia da dos europeus. Deste modo, padres, colonizadores e índios provêm de um mesmo espaço, foram forjados por um único criador, portanto possuíam as mesmas capacidades.

Idêntica lógica levou Yves d'Evreux a definir a crença natural dos selvagens. O religioso parte do princípio de que o criador concebeu o espírito humano com a capacidade de reconhecer a verdadeira religião. Todo homem possui potencialidades para se tornar cristão, tal pendor encontra-se adorme-

7. Op. cit., p. 113.

cido até o dia da revelação; até o dia do encontro entre o gentio e a divina sabedoria. Mas somente após a conversação poderia ele desenvolver as sementes plantadas pelo Todo-poderoso. Em contrapartida, enquanto permanecesse sob o jugo tirânico do demônio, ficaria imerso na escuridão das trevas, padecendo fomes e necessidades. No momento em que sua alma se desprendesse do cativeiro, guiada pelos profetas de Deus, vislumbraria a luz, as artes e as boas ciências. A partir de então, sua capacidade de aprender se multiplicaria e nasceria a esperança de eles se civilizarem. Yves d'Evreux acreditava que os tupinambá possuíam todas as condições para sofrer esta metamorfose. Depois de sentir a presença de Deus, os nativos demonstravam as mesmas delicadezas e amabilidades de homens educados.

Deus plantou no espírito humano as raízes e as sementes da virtude (*semences des vertus*), alicerces capazes de originar o nascimento dos verdadeiros súditos da cristandade. Porém, as potencialidades somente floresciam caso se cumprissem os termos do pacto travado entre Criador e criatura. Neste momento, os bárbaros despertariam do profundo sono de uma má crença, acordariam de um pesadelo cujo protagonista era o próprio príncipe das trevas. A Deus caberia fazer arder e queimar a fâsca de fogo da luz natural, esperança que permaneceria quase extinta devido às mil superstições e crenças enganadoras. A pequena fâsca (*la petit esticelle de feu de lumiere naturelle*), guardada no coração dos homens desde o dilúvio, era a crença natural. A conversão e a obediência cega às leis divinas permitiriam aos homens alimentar o fogo da fé e, por conseguinte, viabilizariam o desenvolvimento dos alicerces, das artes e das ciências. Somente o cristão poderia edificar um prédio e extrair da semente uma bela árvore carregada de flores e frutos, doutrina esta bem apro-

vada por São João Crisóstomo, na Homilia 55, ao povo da Antióquia.

Para o frade Yves d'Evreux, os selvagens sempre tiveram conhecimento de Deus, não da Essência, da Unidade e da Trindade. Conhecer os meandros da divina sabedoria dependia da fé. Somente depois da conversão os nativos alcançariam a sua complexidade. Porém, Deus deixou na natureza vestígios, por intermédio dos quais poderiam os homens tecer algumas conjecturas:

La nature a donné à tous les hommes du monde, sans exception d'aucun, les fondemens, & semence des vertus, paroles bien notables: car comme les fondemens, & semences sont jettez dans les entrailles de la terra & par consequent cachez en icelle: de mesme Dieu a jetté naturellement en l'esprit de l'homme les fondemens & semence des vertus; sur lesquels fondemens tout homme peut bastir avec la grace de Dieu...

Entre os índios, denominou-se Deus de *Tupan*, a mesma nomeação dada ao trovão. Ao empregar o mesmo nome no singular, os naturais da terra não se referiam aos relâmpagos e trovões. Conta o frade, um velho índio informou que o trovão não era um homem, pois não seria capaz de andar de Oriente para Ocidente com tanta rapidez. Ademais, se o fosse, necessitaria de um outro para concebê-lo, pois todo ser procede de um outro. E finalizou o velho, como *Tupan* não o é, *Tupan* não é humano. Ele existe em toda a parte e criou o mundo.⁸ Antes mesmo da chegada dos europeus, os ameríndios já conheciam o Criador. A religião natural deixou rastros no coração dos nativos.

8. Yves d'Evreux. *L'histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan...* Edição de Ferdinand Denis. Paris, MDCXV, pp.64-65; 68; 278-280. A citação no texto encontra-se na p. 68. Sobre as potencialidades da conversão do gentio, Evreux ainda teceu o seguinte comentário: *Qui sera celui*

No *Diálogo sobre a conversão do gentio*, o padre Nóbrega também abordou o tema da natureza humana e da predisposição dos homens, sejam eles bons ou maus, para receber a revelação. Os índios comportavam-se como cães, quando se matavam e se comiam, agiam como porcos, quando perpetravam seus vícios. Mesmo assim, havia entre os nativos as sementes plantadas por Deus, prontas para germinar. A conversão era o fogo que amoleceria o metal e lhe daria a forma desejada. A forja do Senhor, continuou o padre, atuou sobre os seres humanos desde Adão e o pecado original. Todos os povos precisariam da purificação do fogo para encontrar o verdadeiro caminho. Os portugueses, os castelhanos, os tamoio e os aimoré foram originariamente bestas. No entanto, possuíam alma e uma bestialidade natural, dualidade que permitiria a metamorfose e o nascimento de cristãos devotos. Muitas gerações adoraram pedras e paus, bois e vacas, reverenciaram feiticeiros, diabos e se pautaram segundo preceitos errôneos. Os filósofos romanos alcançaram grande sabedoria e não chegaram à verdade; ao contrário, prezavam a luxúria e a mentira. Ainda que os índios jamais tivessem alcançado a sofisticação das civilizações clássicas, entregaram-se aos ferreiros de Deus.

Da parte do gentio, digo, que huns e outros tudo são ferro frio, e que quando os Deus quizer meter na forja logo se converterão; e sse estes na fragoa de Deus ficarão pera sse meterem no fogo derradeiro, o verdadeiro ferreiro, senhor do ferro, lá se sabe ho porque,

qui me voudra nier que ces marques ne solent suffisantes, pour convaincre nos esprit èsperer & croire, qu'avec le temps ceste nation se rendra domestique, bien apprire & honneste, p. 64.

*mas de aparelho de sua parte tão mau o tem estes como ho tinham todas as outras gerações.*⁹

Os depoimentos dos padres Simão de Vasconcelos, Yves d'Evreux e Manuel da Nóbrega primam por conceber a catequese como uma retomada da evolução humana. Os europeus e os ameríndios descenderiam do mesmo núcleo populacional, possuiriam as sementes do cristianismo, carregariam consigo os alicerces da verdadeira religião. Portanto, seguiram juntos os mesmos caminhos até o momento da separação, quando os primeiros emigrantes deixaram para trás o Velho Mundo e se embrenharam por terras desconhecidas. A separação ocasionou o surgimento de homens-feras, de bestas humanas, capazes dos mais atrozes desvios. Assim como Adão e Eva sofreram punições pelo pecado original, os índios padeceram pelo seu isolamento e pela ignorância em relação às Santas Escrituras. O homem foi criado justo e com boa vontade. O homem e a vontade boa são obras de Deus.

A má vontade primeira, comentou Santo Agostinho, que no homem precedeu todas as restantes obras más, foi menos obra que verdadeiro declinar das obras de Deus às próprias. E tais obras são más, por serem segundo o próprio cânon, não segundo Deus...¹⁰

A má vontade levou Adão para longe do Paraíso, e a permanência na América, no espaço das trevas, provocou dannação dos gentios americanos. Na verdade, os habitantes do

9. Diálogo sobre a conversão do gentio do padre Manuel da Nóbrega, Baía 1556-1557. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. Edição e notas pelo padre Serafim Leite S.J. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954, v. II, pp. 317 - 345. A citação é da p. 344.

10. Santo Agostinho. *A cidade de Deus*; contra os pagãos. Tradução de Oscar Paes Leme e introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 2ª ed. Petrópolis: Vozes/São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990, pp. 147 - 153. A citação p. 148.

Novo Mundo suportaram um duplo castigo: o primeiro acometeu a todos os homens, depois que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso; o segundo afetou os primeiros moradores da América e suas descendências, pois os últimos padeeceram com os desmandos dos diabos, com alterações físicas e comportamentais devido ao isolamento e à tardia conversão ao cristianismo.

Os índios sofreram graves alterações na tonalidade da pele, na linguagem e, sobretudo, nos costumes. O canibalismo, a nudez e as inúmeras erronias demoníacas perpetuados pelos naturais do Novo Mundo representam a segunda degeneração, a segunda queda. Os padres teriam a missão de trazer os ameríndios para o mesmo estágio de evolução onde se encontravam os europeus cristianizados. O conhecimento das escrituras e o incremento da fé removeriam os indícios de barbárie e preparariam os nativos para alcançar o reino dos céus. A conversão traria a pureza e a virtude perdidas por Adão depois de ter comido o fruto proibido. Para Santo Agostinho, Adão e Eva possuíam ao mesmo tempo uma vida animal e espiritual e permaneceram no Paraíso submetidos a uma rígida obediência aos ensinamentos divinos. Antes da queda, viviam em estado de inocência; depois, em condição de pecado e penitência. Em seguida ao julgamento, eles e seus descendentes receberiam o merecido castigo pelas faltas cometidas ao longo de suas vidas. A terceira fase da história da humanidade é, portanto, um acerto de contas com o Criador e um retorno ao primeiro estágio. Nesta fase, ao contrário de Adão antes da maçã, os homens e as mulheres não possuirão o corpo carnal.¹¹

11. Op. cit., pp.147-148. Ver também o importante estudo de George Boas. *Essays on the primitivism and related ideas in the middle ages*. 2ª ed. Nova York: Octagon Books, 1966, pp. 45 - 53.

Na América, os religiosos desejavam conduzir o índio para a última etapa da evolução. Para tanto, os ameríndios teriam de abandonar os 'vis costumes', converter-se e morrer como um cristão. Deste modo, a vida dos 'selvagens americanos' seria absorvida pela temporalidade cristã, dividida entre o passado, o presente e o futuro. A concepção de tempo exposta pelos religiosos constitui uma filosofia da história, caracterizada pela teoria do declínio e pela restauração futura. Os eventos descritos seguem uma lógica fundada na queda progressiva e na ascensão final. A humanidade viveu o seu período glorioso no início dos tempos, desde então a vida dos homens foi marcada pela decadência. O futuro promoverá o acirramento deste estado de coisas até o momento em que um agente externo intervier no processo. O cristianismo, por conseguinte, pretende reverter o quadro de progressiva degradação da humanidade e implantar o reino dos céus. O futuro é um retorno à primavera dos tempos, uma volta ao mundo antes do pecado original.¹²

No entanto, em relação à saga da humanidade, a história dos americanos narrada pelo padre Simão de Vasconcelos possui algumas nuances. A decadência das sociedades indígenas realizou-se de modo mais acelerado. No Novo Mundo, as perdas tomaram proporções inigualáveis, quando comparadas à decadência que se abateu sobre as espécies humanas do Velho Continente. A natureza americana teria redimensionado os efeitos catastróficos advindos com o pecado original?

Não restam dúvidas para o padre Vasconcelos que, em relação aos habitantes da Europa, os ameríndios sofreram um

12. Sobre a teoria do declínio e da restauração futura ver Arthur Lovejoy e George Boas. *Primitivism and related ideas in antiquity*. With supplementary essays by W.F. Albright and P.E. Dumont. 2ª ed. Nova York: Octagon Books, 1973, p. 3.

processo de degradação muito mais acentuado. Segundo Platão, Atlante abrigava uma grande civilização, capaz de rivalizar com a alta cultura grega. No entanto, os vestígios do seu esplendor desapareceram por completo entre os índios. A escrita, a centralização do Estado, a língua e os costumes perderam-se nos tempos, enfraqueceram até quase a extinção. O religioso destacou a magnitude da decadência dos americanos, avaliando, de modo indireto, a força avassaladora, o poder da destruição e a hecatombe que acometeram as comunidades egressas da fabulosa ilha. Por que os gregos e romanos rumaram em direção ao cristianismo e os índios se afogaram, cada vez mais, na escuridão? A descoberta tardia do Novo Continente e a ignorância prolongada da Santa Escritura teriam proporcionado tal estado de decrepitude? Alguns padres acreditavam nessa hipótese, pois se perguntaram por que Deus abandonou, durante longos séculos, a 'pobre gente' da América. Caso os missionários tivessem chegado ao território em um período mais recuado, os índios não viveriam em tal estado de degradação promovida pelo príncipe das trevas.¹³

Os demandas do mal possuíam uma existência material, não eram apenas frutos da imaginação. Os rastros deixados pelo 'Maligno' materializavam-se na penúria e na miséria encontradas entre as comunidades tupinambá. Somente a conversão do gentio poderia reverter o estado de coisas, somente

13. Sobre o assunto ver Claude d'Abbeville. *Histoire de la mission des Pères capucines en l'isle de Maragnan*. Paris: L'imprimerie de François Huby, 1614. Prefácio p. 2. *L'estat du pauvre Peuple de Maragnan, & des païs circonvoisins, & autres semblables est un pareil de lugemens inscrutables de ce grand Dieu. Tellement que si vous demandez pourquoy sa Divine Majesté ne les a pas illuminez de la lumiere de la foy, aussi bien que la France, l'Itallie & l'Espagne, dès lors que ce Vrai Soleil de Justice Nostre Sauveur Commença à paristre au Môde, sans permetre que tât & tât dâmes, depuis il ne sçay combien d'annee, soient miserablement descenduës aux Enfers...*, p. 2.

a divina sabedoria livraria as comunidades indígenas do jugo tirânico. O tema da coorte infernal é recorrente nas primeiras crônicas sobre a América. Depois da vitória do cristianismo na Europa, os demônios voaram em grande quantidade para o continente, procurando um refúgio e novas almas para atormentar. No Novo Mundo, depois da chegada dos padres, diria o espanhol Andrés de Olmos, existiam duas igrejas: uma boa e católica, comandada por Roma, e a outra diabólica, dirigida pelas hostes de Satã.¹⁴ Vários observadores da América partiram deste princípio para encontrar os rastros do príncipe das trevas e para explicar o primitivismo das comunidades ameríndias.

Índios, seres decaídos

Entre os séculos XVI e XVII, o primitivismo e a debilidade da vida material dos ameríndios eram fruto da ignorância em relação à palavra revelada, do desconhecimento dos ensinamentos cristãos. No Novo Mundo, o cotidiano pautava-se em guerras fratricidas e em superstições demoníacas. Sem a presença dos enviados de Deus, o diabo conduzia os nativos à morte e à miserabilidade. Para os cristãos, a busca da Terra do Sem Mal era uma prova irrefutável dos maus-tratos que os pagés submetiam aos índios. Sob a sedução demoníaca, os feiticeiros enganaram os índios, conduzindo-os a uma terra onde todos os desejos seriam realizados sem a intervenção humana. Os nativos seguiram os caraíbas e logo sofreram as intempéries da nova morada. Uma tragédia selou os seus des-

14. Sobre a demonização da América ver Laura de Mello e Souza. *Inferno atlântico; demonologia e colonização séculos XVI - XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 21 - 46.

tinis, e a morte marcou, mais uma vez, o cotidiano dos 'selvagens'. Em contrapartida, os filhos de Deus alimentavam-se da melhor maneira, possuíam belas vestes, eram temidos e admirados. Seus corpos eram fracos e debilitados, pois Deus, ressaltavam os missionários, esqueceu destes 'desgraçados', largando-os em um território distante e sob o domínio do mal.¹⁵

A miserabilidade também poderia ser explicada pela incapacidade intelectual dos índios. Os aristotélicos dividiam a humanidade entre gregos e bárbaros, ou entre cristãos e não-cristãos. Eles não se pautavam na idéia de monogenia, pois havia diferença entre os corpos dos homens livres e dos escravos. Os últimos teriam um físico robusto, forjado para o trabalho, enquanto os primeiros eram inaptos para as mesmas tarefas devido à sua debilidade física, mas capazes de exercer funções intelectuais na vida política. O corpo robusto se converteu, então, em um estigma, um pressuposto para a escravidão, enquanto a constituição delicada tornou-se um indício de liberdade.

Las Casas contestou duramente os pressupostos aristotélicos. Negou, em princípio, a dicotomia estabelecida pelo filósofo grego, pois os índios nem sempre possuíam um corpo robusto; e os espanhóis, por sua vez, não exerciam o papel de um senhor piedoso e justo. Para além das características físicas, Las Casas ressaltou que Aristóteles não poderia constituir uma autoridade para os cristãos, pois era um pagão e encontrava-se assando no inferno. Na Cristandade, havia enormes obstáculos para tornar válida a antítese aristotélica 'livre-escravo', pois não se coadunava com a antítese cristã 'homem-

15. Yves d'Evreux. *L'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan...* Edição de Ferdinand Denis. Paris: François Huby, MDCXV, pp. 9 - 10; 348 - 353.

besta'. A conversão seria impossível, caso ficasse comprovado que os americanos eram feras e bestas em vez de homens. Desse modo, a idéia de monogenia e os pressupostos bíblicos sagraram-se vitoriosos quando Las Casas refutou as teses aristotélicas de Sepúlveda.¹⁶

No século XVIII, os preceitos bíblicos perderam a legitimidade para explicar o mundo. A religião revelada tornou-se então um inimigo dos iluministas. As escrituras não suportavam uma análise lógica, e nenhum mérito deveria ser creditado a seus testemunhos. A revelação pertencia à ordem dos milagres, e a razão não admitia os milagres e os mistérios da fé. O sobrenatural, portanto, não merecia investigação, somente as causas naturais seriam buscadas pelos filhos das Luzes. "O que na religião é propriamente religioso, não passa de superstição; e, em consequência, torna-se necessário" o ataque e aniquilamento veemente da superstição. Nessa conjuntura, ocorreram algumas transformações nas teses sobre a origem dos ameríndios.¹⁷

Em meados do século XVIII, as explicações para debilidade ou imaturidade dos americanos foram retomadas por Buffon. Seus princípios filosóficos não se prendiam nem a Aristóteles, nem às revelações bíblicas. No entanto, mesmo rompendo com a teologia cristã, defendia a unidade do gênero humano, o monogenismo. Para além da reconhecida diversidade entre os homens, Buffon ressaltou que tudo concorria para comprovar a unidade entre os povos; o gênero humano

16. A. Gerbi. Op. cit., pp. 63-66.

17. A citação encontra-se em Paul Hazard. *O pensamento europeu no século XVIII* (trad.). Lisboa: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, 1974, p.85; sobre a secularização do pensamento ver ainda Ernest Cassirer. *Filosofia de la Ilustracion* (trad.). México: Fondo de Cultura Económico, 1943, pp. 135 - 189.

não é composto de espécies antagonicamente diferenciadas. Ao assumir uma postura de naturalista, lembrou que brancas e negros poderiam cruzar e procriar, prova cabal para contestar a diversidade de espécies humanas. Diferenças, sim, existem entre homens e animais: há uma distância infinita entre o ser humano e o mais perfeito animal. O homem é um ser racional, enquanto as bestas são destituídas de intelecto. Não existe um ponto de equilíbrio entre ambos, não há seres intermediários entre o ser com razão e o ser sem razão. Desse modo, defendeu o monogenismo, sem o respaldo das sagradas escrituras e do mito de Adão e Eva.

Os principais analistas da natureza americana, Buffon e de Pauw conceberam, contudo, os ameríndios como seres inferiores. De maneira velada, consideravam-se incapazes de alcançar o estágio de desenvolvimento da civilização europeia. A natureza do continente explicaria a degeneração, a preguiça e a indolência presentes entre os habitantes do Novo Mundo. Para Buffon, os nativos foram inábeis no domínio do meio hostil, a fim de revertê-lo segundo seus interesses. O homem ficou à mercê dos caprichos da mãe natureza e permaneceu passivo diante das potencialidades oferecidas pelos reinos animal e vegetal. Os ameríndios não se destacaram das outras espécies. O espaço seria então dominado pelos répteis e insetos, por seres de sangue frio e de formas agigantadas.

O prussiano De Pauw abordou o problema sob um prisma mais radical: os homens americanos não eram animais imaturos, crianças crescidas, eram, sim, seres degenerados. A natureza era débil e corrompida, débil por estar corrompida, inferior por estar degenerada. Somente os insetos, as serpentes e os bichos nocivos prosperaram, tornando-se mais gordos, maiores e mais temidos. O clima seria contrário ao florescimento da sociedade e do gênero humano. Uma enorme catástrofe, talvez, explicaria o estado de penúria vivido pelos

animais e homens americanos. De forma pouco clara, de Pauw aludiu a terremotos espantosos, a inundações diluvianas e à combustão incontrolável como responsáveis pela degradação. O pensador chegou mesmo a sugerir que um 'segundo dilúvio' teria afetado apenas a América. A inferioridade dos ameríndios seria o resultado da destruição provocada pela catástrofe, semelhante à debilidade que acometeu a Terra no momento posterior ao dilúvio universal. Depois que as águas baixaram, constataram-se a degeneração da fauna, o aniquilamento das árvores boas, o crescimento dos desertos, a multiplicação das bestas e plantas nocivas.¹⁸

Para além da concepção monogenista, Buffon considerou a existência de uma hierarquia entre os homens. A unidade permitiu-o classificar as sociedades segundo dois parâmetros: a racionalidade e a solidariedade. A capacidade humana de submeter a natureza dependeria da união; do contrário as comunidades sucumbiriam, como os americanos, aos caprichos da natureza, do meio. Uma nação tornar-se-ia forte e laboriosa, quando se pautasse em regras, leis e senhores. Onde a solidariedade e a organização entre os homens estivesse debilitadas, haveria uma reunião tumultuosa de homens bárbaros e independentes, guiados por suas paixões egoístas. Por intermédio desses parâmetros, Buffon classificou a humanidade: no cume da hierarquia encontrar-se-iam "as nações da Europa setentrional, logo abaixo os outros europeus, depois vêm as populações da Ásia e da África, e, na parte mais baixa da escala, os selvagens americanos".¹⁹

18. Sobre a degeneração na América ver Antonello Gerbi. *La disputa del Nuevo Mundo; historia de una polémica 1750-1900*. (trad.). México: Fondo de Cultura Económica, 1960, pp. 4 - 5 e 49 - 73.

19. Tzvetan Todorov. *Nós e os outros; reflexão francesa sobre a diversidade humana. I* (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, pp. 114 - 115.

A classificação proposta por Buffon teve grande repercussão entre os séculos XVIII e XIX. Voltaire compartilhava das mesmas convicções referentes à natureza quase animalésca dos povos da África e da América. Contudo, ao contrário de Buffon, ele defendia a poligenia da humanidade, embora admitisse a legitimidade de classificar os homens segundos os parâmetros buffonianos: racionalidade e sociabilidade. Sua ruptura com a ortodoxia cristã permitia-o duvidar que negros, brancos, hotentotes e chineses descendessem de um único tronco.

Voltaire mantém intacta a escala única de valores, mas renuncia à unidade da humanidade. E verifica-se que seu poligenismo está mais de acordo com descrição das raças que ele partilha com Buffon; por essa razão, talvez será adotado pelos racialistas do século XIX.²⁰

O poligenismo tornou-se então a ruptura definitiva com os dogmas cristãos e com a crença na unidade dos homens. No século XVIII, o diabo não mais despertava a atenção dos europeus. A perseguição às bruxas e as lutas religiosas haviam perdido o ímpeto original. A maldade e o desconhecimento das escrituras não poderiam ser empregados como álibi para explicar a penúria vivenciada na América. Recorrendo à razão e à comprovação empírica, os pensadores iluministas explicaram 'a incapacidade dos nativos' por intermédio da hostili-

Vale ressaltar a idéia buffoniana de hierarquia remota à concepção aristotélica de diversidade humana. Este ponto não foi ressaltado por Todorov.

20. T. Todorov. Op. cit., p.117. Nesta análise sobre os iluministas não considerei o relativismo cultural de Jean-Jacques Rousseau, pois seu pensamento não promoveu uma compartimentação entre os homens, nem influenciou os racialistas do século XIX. Sua abordagem da diversidade humana rmpeu tanto com os dogmas católicos quanto com o cientificismo do XVIII, não se pautou na degeneração, na monogenia ou na poligenia.

dade do meio. A natureza americana era imprópria para o florescimento de uma civilização. Ao contrário dos religiosos dos séculos XVI e XVII, os detratores da América não acreditavam no poder do cristianismo para reverter o processo de degeneração. Buffon, de Pauw e Voltaire não se preocuparam com a capacidade dos índios em entender o Evangelho e se tornar cristãos devotos. E, assim, não consideravam a hipótese de reverter a decadência. Enfim, um mesmo problema — a degeneração dos ameríndios — foi concebido sob dois aspectos. Os religiosos acreditavam no declínio temporário e reversível, capaz de recuar com a conversão, enquanto os iluministas, particularmente Buffon e de Pauw, apontaram para corrupção natural dos americanos e tenderam, portanto, a demonstrar a irreversibilidade do processo.

No caso específico da natureza do ameríndio, o antagonismo entre católicos e iluministas era apenas aparente. Durante três séculos, eles receberam qualificações muito semelhantes, características que mantêm um estreito relacionamento com os interesses da colonização. Enquanto o avanço da expansão européia fazia-se em nome do cristianismo, o índio era um cristão em potencial. O cientificismo, por sua vez, pouco se preocupou com a conversão das almas e classificou-os como seres degenerados pela natureza. Em suma, os paradigmas alteraram-se, os séculos se passaram, mas a representação do índio permaneceu quase inalterada. O relativismo cultural, esboçado por Rousseau, somente tomará corpo com os antropólogos do século XX. Antes desta data, o pensamento cientificista, ou mesmo científico, continuou a denominar os ameríndios de seres decaídos.